

Barbacena e seus loucos vira filme para exibição no País

E.M., 28/10/1979

Tal como foi mostrado pelo ESTADO DE MINAS, a situação dos doentes mentais em Minas (60 mil pessoas já morreram e outras 1.340 permanecem nas mesmas condições subumanas de tratamento) será exibida obrigatoriamente em todos os cinemas brasileiros, devendo possivelmente ser mostrada também no exterior. O Grupo Novo de Cinema, formado por cineastas mineiros, em co-produção com a Associação Mineira de Saúde Mental concluiu, esta semana, em Barbacena, um curta-metragem que será lançado pela Embrafilmes no circuito comercial de cinemas do País.

Mostrando não o grotesco, mas principalmente o aspecto humano que existe por detrás do rótulo "louco", os cineastas mineiros seguiram quase que o mesmo trajeto das reportagens "Nos Porões da Loucura", conseguindo uma experiência inédita em termos de trabalho e relacionamento. A convivência ininterrupta, durante cinco dias, com pessoas que, apesar de tidas como perigosas e irresponsáveis, não lhes causaram dificuldade alguma. Pelo contrário, os ajudaram bastante, no esforço e na esperança consciente de, assim, sensibilizar o governador Francelino Pereira e o presidente João Baptista Figueiredo, que até agora não se pronunciaram a respeito do drama que continua comovendo a opinião pública brasileira.

O filme

A idéia do filme surgiu há quatro anos, quando o então

publicitário Helvécio Raton, estudante de psicologia da Universidade Católica de Minas Gerais e atual responsável pelo Setor de Cinema da Fundação Palácio das Artes deparou, pela primeira vez, com algumas fotos de Barbacena, que continuam atuais:

- Nós chegamos até a propor, junto à faculdade, um documentário a respeito daquilo lá. O que não resultou em nada. Naquela época, existia uma série de entraves, a começar pela dificuldade de acesso ao hospital, então restrito apenas ao meio médico.

Quando, anos depois, veio a abertura dos hospícios mineiros, inclusive o de Barbacena, à imprensa, anunciada pelo então atual secretário da saúde, Eduardo Levindo Coelho. Foi o fim dos entraves éticos, aproveitado por Helvécio, que integra o Grupo Novo de Cinema em Belo Horizonte. Juntamente com a Associação de Saúde Mental, da qual faz parte também, os cineastas mineiros, apresentaram um roteiro ao secretário, que lhes deu toda a permissão para as filmagens, a exemplo das reportagens.

Um roteiro científico e sereno, inicialmente pensado para ser rodado exclusivamente no meio médico-estudiantil. Foi com este pensamento que Helvécio e sua equipe foram a Barbacena, na semana passada, fazer o documentário:

- Apesar dos horrores que nos haviam falado de lá, o que nós víamos ali ultrapassou a nossa expectativa. Deparamos com uma realidade diferente, muito pior. Tivemos de mudar completamente a abordagem do pro-

blema, o roteiro, tudo enfim.

E o enfoque, também. Agora, depois de ser lançado oficialmente no "III Congresso Mineiro de Psiquiatria", a se realizar de 12 a 15 de novembro em Belo Horizonte, com a presença do Italiano Franco Basaglia, que lidera um movimento mundial pela humanização da psiquiatria, a violação dos direitos humanos em Barbacena, será distribuído pela Embratel, em todos os cinemas brasileiros. E os cineastas mineiros estão tranquilos. Eles seguiram exatamente as instruções do secretário, anunciadas pela imprensa, de "por pra fora tudo o que acontece ali", no sentido de sensibilizar o governo federal para o problema que se arrasta há tanto tempo, que já custou a morte e a degradação de tanta gente:

- A nossa proposta é que todas as pessoas do País possam tomar consciência do que acontece em nossos hospícios psiquiátricos. E isso será possível de uma maneira muito mais ampla, através do cinema. Não faz mais sentido restringirmos o que filmamos ao congresso, ao meio médico e estudiantil de Belo Horizonte. Eles já conhecem, de sobra, o problema. É preciso que toda a população brasileira saiba dessa nossa triste realidade.

Como foi

Junto com Helvécio, participaram das filmagens os seguintes integrantes do Grupo Novo de Cinema: Dilenyr Campos, diretor de fotografia, atualmente radicado no Rio. Ele veio especialmente para isso. Evandro



Os cineastas mineiros e seus personagens. Ao invés de ficção, um drama real

Lemos, professor de cinema da Escola de Belas Artes da UFMG, como técnico de som. Tarcísio Vidigal, mineiro também, como produtor. E Maria Amélia Palhares, monitora da Cadeira de Cinema da UFMG, como assistente de fotografia. A montagem final é do professor José Tavares de Barros, coordenador do Festival de Inverno de Ouro Preto, um dos maiores experts no assunto.

Essa equipe passou cinco dias em Barbacena, trabalhando dia e noite nas filmagens. O difícil, segundo eles, foi separar a emoção de conviverem com os doentes e o trabalho em si. Como disse Helvécio:

- A reação deles foi algo surpreendente, que nos emocionou demais. As mulheres, principalmente aquelas mais idosas, acabaram nos adotando. Levavam doce, o que podiam ou conseguiram para a gente, no sentido de nos apoiar, de se mostrarem agradecidas pelo que fazíamos. Houve algumas que não se conformavam com o fato de trabalharmos ininterruptamente, ficando sem almoço. Foram, enfim, cinco dias de convivência. Convivência pacífica e normal com quem é chamado de louco, é tratado sem direito algum. O difícil foi sairmos de lá, quando já estávamos íntimos com aquela pobre gente. A equi-

pe toda sentiu saudades deles, passou a torcer mais ainda pela sua sorte, que esperamos possa ser mudada o mais rapidamente possível.

Os cineastas mineiros rodaram todos os pavilhões do Centro Psiquiátrico e as dependências do Hospital Colônia, mais abaixo. Entrevistaram quase todos os doentes que deram entrevistas ao ESTADO DE MINAS, confirmando suas denúncias. E registraram, em detalhes, as condições subumanas de tratamento. Ou de ausência disso. Eles apenas deixaram de entrevistar o diretor do hospício que, não se sabe por quê, não foi visto no local durante as filmagens.